

CONCERTO  
PARA O FIM  
DO FUTURO



Alexandra Kräft

ALEXANDRA KRÄFT

CONCERTO  
PARA  
O FIM DO  
FUTURO



## SOBRE A HUMANIDADE DE ALEXANDRA KRÄFT

A maioria dos sistemas filosóficos são filhos uns dos outros.

Os seus autores surgem apenas como pretextos dos mesmos sistemas.

Todavia a biografia íntima dos homens que filosofaram tem interessado muito pouco a todos. É no entanto essa biografia a que mais coisas pode explicar na formação dos referidos sistemas.

Começaremos pois por colocar algumas questões sobre a Humanidade ou (des)Humanidade de Kräft.

### 1. Quem é A. Kräft?

Alexandra Sigmund Kräft elege o **átomo** como Estátua Cós mica.

Ela pensa sobre os contornos e sombras dos objectos, não sobre os próprios objectos, que não existem.

Por isso o outro ser humano é uma ilusão: **tudo é objecto do seu olhar.**

**E tudo é abjecto do seu ver.**

É esta náusea que a define.

### 2. Para Kräft, Deus é.

O Deus-racional, o Deus-uno, o Deus-aristotélico, o Deus-autor da ordem moral, o Deus-sentimental, todos eles têm sido a projecção, no exterior, do infinito interior do Homem-humano.

Para Kräft não há Deus. E não **O** há porque todo o existir é uma ilusão. **Para Kräft não há Há.**

*(O único modo de crer é ser)*

Então o que Há?

Apenas sombras de Coisas que pensamos ver, que pensamos tocar, que pensamos cheirar, que pensamos pensar.

E é sobre esta complexa rede de informações pensadas que se constroem "coisas" (depois da destruição do já pensado), um Universo Novo.

### 3. Eus é Kräft.

Kräft é todos os Outros. Os Outros são a intotalidade das coisas visíveis e invisíveis.

Kräft espraia-se na infinidade de sons-imagens, já que a Eternidade é esse "puré" original de sons primordiais.

Kräft sabe que a morte do planeta, do Universo, de qualquer Universo, tem como absoluta essência o **Som**.

**"Estamos a distanciar-nos cada vez mais da individualidade histórica de cada objecto". "Temos sido até aqui uma espécie de guarda-mortos"**. Com estas palavras Kräft denuncia bem o império dos mortos. Ela encontrou na Humanidade o emprego dos sepulcros.

Por isso Kräft aniquilou os "objectos" pela ordem por que estavam representados.

Tornou, em primeiro lugar, a Terra um vasto cemitério. Depois, os astros. E, finalmente, Deus, como guarda-mor de todo o Universo por ela pensado.

Kräft deixou há muito de olhar a Esfinge.

Ela veio à matéria para actualizar os átomos, realizando nesta operação simbólica a **Outragem atómica**.

**"Faça-se Silêncio", diz ela, para ouvirmos o Evangelho do Um."**

Ela é profeta de uma religião sem religiões.



*“O tempo é construído com palavras, frases  
jogos harmónicos e poéticos”*





## A CAPTURA DOS ASTROS

desejámos um dia a captura dos astros  
como quem amealhava sangue nos cofres  
ou soprava por entre um muro na boca  
a luz assinalada no peito dos pássaros

desejámos um dia abrir os nossos aeroplanos  
e ouvir no grande aparador de sons translúcidos  
a metáfora das asas

direi então as suas casas esmaltadas na face pálida dos  
átomos  
os seus retratos de nuvens  
as suas pinturas telegráficas no registo das chuvas  
ausentando-me assim da história  
perigosa  
dos  
números

## NUMEROGRAFIA

onde estamos? que revólver  
campeia no deserto? que  
matriz norteia o objecto?

por ecos se repete na figura a equação da curva:  
o invisível ceptro do seu número:  
por ecos se reflecte a sua forma celeste  
na cinza do contínuo:

que luz emite?  
que procura? que paradigma sonha  
a sua sombra na figura?  
em que campo celeste e em que linha de terra  
se ergue a sua casa de ciprestes  
na penumbra antiga do número?

## A SOLIDARIEDADE DO UNIVERSO

escrevo a tua história bem sei num terraço de moléculas  
sobre o teu corpo resistindo mal a grandes temperaturas  
a efémera bioquímica da vida  
os hieróglifos da antiga ciência  
a solidariedade das suas pedras  
a espantosa interconexão de tudo quanto existe  
o universo compõe-se de algum modo  
de sóis extintos e de supernovas do teu sagrado sexo  
oh essa espiral fecunda do Universo  
que vibra

o teu corpo procura a verdade  
a verdade da Grande Matéria entre aminoácidos  
e o meio ambiente           uma verdade atómica  
como se a evolução fosse guiada por Alguém  
e procurasse um pequeno caminho na Terra

escrevo a tua história bem sei  
entre minúsculos átomos de carbono e versos  
vozes da matéria   alguns sóis  
o ferro do teu sangue continua regressando  
ao coração do mundo  
as distâncias dos objectos vão aumentando  
daqui a biliões de anos onde estarão estes versos?  
insisto que existe uma infinidade de mundos  
e a gravidade não é senão a curvatura do universo  
este mundo é uma estrela   a Terra  
(nem toda a luz a vemos)  
caminhamos para a grande névoa

## OS ECOS DOS REMOS

para que oceano vertem as máquinas?  
para que campo terrestre despertam as suas gruas?  
e caminharemos talvez por estas minúsculas páginas  
obedecendo ao contágio celeste do tráfego dos números  
falaremos então por este passado de barcos  
esquecidos em remos nos alicates das águas  
falaremos talvez de uma outra figura nos dicionários  
voláteis  
separados nas águas por pequeníssimas nuvens

falaremos pois das suas campas  
traçadas em largas caudas vibráteis  
falaremos tão só da sua construção alfabética  
em espelhos terrestres em águas minúsculas  
ou ainda tocados pela inspiração da pesca  
perguntaremos um dia pelos seus ecos  
em grandes planetários galácticos

## GEOGRAFIA CELESTE

luzes

luzes através das palavras no lençol das imagens  
e trazes nas veias uma pomba metálica  
que bate em metáforas num dicionário de tule escrevo  
então o teu nome às golfadas  
sob o peso da casa sob os dígitos da chuva  
escrevo o teu nome  
em coordenadas celestes num relâmpago azul

## ÁTRIO ESTELAR

guardo os astros os seus telegramas  
as suas bicicletas de espaço  
as suas antigas roldanas  
as fotos das naves  
os seus últimos recados  
os seus cartões de visita pespontados  
a inúmeras questões de Ciência e Instantes

guardo os seus músculos vibrantes  
a sua música espelhada no rumor das mesas  
as suas mudas palavras  
ou antes  
as suas rotas de quarks  
movidas a perguntas de Como e Quando

fico aqui aguardando os seus in(d)ícios de sangue  
nas páginas das galáxias  
sonâmbulas construções de uma energia branca  
transformando o meu destino  
em relâmpagos

aqui aguardo      aqui aguardo  
as novas gaivotas do espaço:      os astros.  
que cantem.

## A HERANÇA

há uma loucura perturbadora nas sílabas dos móveis  
em cuja vastidão há palavras que se perdem  
mas dar-te-ei um lance neste jogo de cartas  
aliviando-te do fundo da colina em que se juntam

mas será preciso que tudo se revolva como um fósforo  
a forma e o ferrolho na fronteira da erva  
a grande colecção dos soluços da coruja  
com tubos musicais pelas veias telefónicas

dar-se-á então um truque no real pela espiral das nuvens  
a fronteira e o núcleo na face das perguntas  
onde os livros aí estão de sílabas imóveis  
de raízes apontadas para o haxixe das dúvidas.  
e pelos nomes das veias da mistura das estradas  
onde viajam os números os rebanhos do futuro  
passaremos juntos pelo teorema de pitágoras  
em imagens na avenida pelas sílabas da chuva

## ODE SONORA

ó pobres modernos tráfegos urbanos  
traçando com cimentos planos celestes!  
— arquitectos de anjos e de átomos —  
— traçando no Universo as represas da sede!

e todos nós infelizmente deuses mortais  
crentes de uma hipérbole num paraíso redondo  
todos nós infelizes de excessos neste deserto  
numerados em séries de cofres actuais  
morreremos crucificados no intervalo dos átomos  
na escola celeste dos códigos dos semáforos  
morreremos na fábrica das palavras  
numeradas em objectos  
todos nós infelizmente deuses mortais

e dói-nos esta morada este destino interestelar  
na vibração invisível suspensa de Nada  
no engano das colinas nas coisas só possíveis  
em formatos de A4, A3 ou etcetera

depois a Viagem ou antes de sermos deuses a sério  
na derradeira promessa de um sistema  
somos estrangeiros das palavras unívocas e suburbanas  
repetindo o Geómetra no último tronco das águas  
    sábua a promessa do discurso dos lagos  
em seus longos cabelos espelhados em metáforas  
sábua antes dos sábios e dos arquitectos das Formas  
no plano celeste que vive do silêncio do Cosmos!

mas eu canto este paradigma genial num conceito sem claves  
esta numerologia divina nos braços rodados de Euler



esta escada de palavras parabólicas em exponencial  
em estradas de pássaros de hélio e de lagos

canto e respiro a genealogia destes sons actuais

traçados em hipérbolos de signos urbanos  
em gabinetes de vento em moradas mortais  
nas represas do silêncio em oceanos espaciais

e este cosmos é uma nave tele impressa  
em códigos reais entre ruídos dispersos  
no Livro dos Sinais  
entre o destino das estrelas entre átomos numerados  
nos écrans da hipérbole  
dos deuses e da sua Árvore

## TEATRO A(NA)TÓMICO

um imenso teatro: um monte de estuque  
um travesti lendo o jornal num planalto  
por vezes arrepia a ilusão óptica  
uma auto-paródia  
enquanto o cérebro dum robot  
é invadido por ervas daninhas

não há destino há o zelo  
de criar a ilusão da vida

um cortejo de moradas circula  
os átomos passeiam nas ruas  
uma espécie de naves  
chega-lhes a faltar o desgraçado aspecto  
das dunas

às vezes a horas variáveis de uso  
formam um grupo sombrio  
uma tertúlia  
uma espécie de empregados das órbitas  
com forte estrabismo nas linhas

a matéria assume agora  
uma língua        isto é  
uma fatalidade corpórea  
uma semana toda ela domingos  
ou ainda  
uma barata com uma pata dobrada  
à maneira budista

a matéria é um terraço calvo  
de macia penugem  
uma morte honesta estendida pelo Universo  
uma dama antiga nas unhas  
uma fotomontagem da cinza  
ou ainda o meu pai e a minha mãe  
mergulhados em tinta

um imenso teatro: mímica  
um sapateado de móveis  
tapados com panos brancos

plenos de significados  
um organismo uma espelunca  
escondida  
numa quinta eólica

mudou o chão mudou a Terra  
uma vela pousada a seu lado  
talvez uma estrela talvez uma procissão  
este teatro avança sereno  
com uma anatomia fantástica

para onde?

para que máquinas metálicas?  
para que troféus espetados na ponta?  
para que angústias? para que salas?  
para que águas-furtadas de garrafas vazias?  
para que fundo sonoro  
na escala das línguas?  
para que caravana de esfinges?  
para que almofarizes?

para que pérsias do espaço?

quantas forças o empurram?

quantos violoncelos enlouquecidos  
o reconhecem?

ancorado dentro de nós o teatro

o infinito teatro: o trágico

a solidão orfã

o soalho do espaço

oferece-nos gratuitamente

os textos apócrifos

de um calendário

ancorado dentro de nós

movido entre capítulos de astros

oferece-nos

um viveiro de átomos

## O ACTOR

o átomo canta infinitamente a luz  
do Incrriador.

o átomo canta.

o átomo  
é  
actor.

## FUTURAS AÉREAS ÁRVORES

futuras aéreas árvores aqui plantadas  
ao rés do chão das águas  
com suas hastes inclinadas  
futuras aéreas árvores  
fazem e desfazem as paisagens  
enferrujam os campos  
levantam os soalhos com suas espadas

futuras aéreas árvores traçam sábias  
os corolários das máquinas  
com suas iluminadas mãos

regressam à potência das estrelas  
pelas sílabas  
ao encontro do Sol

## À ENTRADA DAS HORAS

diremos talvez um dia o que nos propõe  
esta navegação terrestre de âncoras celestes  
falando tão só das suas moradas antigas  
separadas por dilemas de vitrinas

diremos talvez um dia estes eléctrodos celestes  
navegados por horas maniqueístas  
na história perdida dos diques        ou  
aludiremos então para sempre        à entrada do sono das Horas  
à sua caixa de remos às suas moradas niilistas  
o mapa perdido das âncoras  
o mapa oculto pelos líquenes  
à entrada

à entrada do sono das Horas

## UM CAMAROTE DE SOL

para cada palavra    um átomo  
um mundo    uma paixão  
uma segunda vez a Criação

o Génesis das cidades  
as suas escadas rolantes fascinadas  
pelo fogo da expressão

para cada palavra    cada átomo  
um acto de lava  
um salto sonâmbulo no Real  
um sapato de mariazenha  
aos saltos no quarto    ou  
um candeeiro pendurado no Sol

para toda a matéria prisioneira  
os pensamentos em ziguezague  
da criação astral

para cada palavra    um átomo  
uma religião  
uma ruga vincada nas ancas  
da Via-Láctea  
ou o tutano dos móveis  
sensíveis às narinas da matemática  
agarrado a fórmulas celestes  
a venerandos martelos de expressão  
para cada palavra    cada átomo  
um camarote de Sol



## A CONVERSÃO DO LIXO

observem estas cidades estas máscaras  
estes bidons de lixo estes átomos  
estas garrafas incendiadas por ácidos  
estes moinhos de aromas  
cozendo as lágrimas dos pássaros  
na amurada das caixas das casas

observem estas cidades estas máscaras  
ao rés de um pedal luminoso  
como ascensores minúsculos dos astros

observem estas cidades estas máscaras  
voando por rancos insuportáveis  
esperando talvez *nietzsche* subindo  
a gama volátil das cores  
como um cemitério de átomos

no mapa luminoso do lixo  
ou a sua conversão em pátrias

## NO ÁLBUM DAS MÁQUINAS

direi sobre as Coisas as suas frases as suas águas celestes  
as suas salas de projectos em chamas terrestres  
as suas sementes incompletas na linguagem dos objectos.  
direi sobre as Coisas os seus átomos rupestres  
numerados por instantes na semântica das máquinas.

direi sobre elas um campo aberto  
em moradas aritméticas as suas frases de Tarski  
rumo ao calendário da neve ou de como são os seus retratos

as suas breves casas no álbum da linguagem.  
das máquinas.

## O ROSTO DAS DÚVIDAS

poderemos um dia conhecermo-nos  
ou o tapume dos diques ocultará para sempre  
a querela dos nossos disfarces?

ou diremos tão só as suas perguntas  
gravadas em vitrinas maniqueístas  
apontando em finíssimas gruas arquitecturas  
imprevistas?

ignoraremos para sempre de resto  
as suas dúvidas no rosto das chuvas  
que trocaremos por outras perguntas  
indagando pela milionésima vez quem somos  
ou porque disfarce antigo  
nos ocultámos dos barcos  
no tabuleiro antigo dos diques das águas

## NAVEGAÇÃO

navegar o silêncio a memória  
navegar as estrelas o odor do espaço  
o seu sangue coagulado em planícies de vento  
por jardins alinhados de poeira e ar  
navegar os destroços  
as palavras e os barcos  
navegar por sinais intemporais  
ou por silêncios de espectros  
terraços  
templos imersos  
em conversas de aéreos vitrais

navegar os astros em cânticos desertos  
em grandes transatlânticos do espaço  
entrevistando luzes terrestres  
navegar alucinadamente  
vocábulos e tendões  
por inúmeros portais invisíveis  
electrões

navegar na cápsula do Tempo muito lentamente  
galáxias ritmos e ritos  
navegar o vento  
navegar inesperadamente  
a astrofísica da vida  
navegar secretamente contra o escuro  
contra a luz apodrecida  
uma esfera de silêncio  
navegar contra os átomos ausentes

## PELA BONDADE DAS CHAMAS

ardem séculos sob um cristal que oscila  
entre rectângulos e retratos de nuvens tímidas  
descerá pela estrada um vagido da escotilha  
em sinal de desordem ou pátria de origem  
lavrada sobre o rio na púrpura do risco  
tudo quanto conserva as chamas e as figuras esfíngicas  
e regressam todos como heróis de manhãs vazias  
requentados pela aresta de um silêncio nos bolsos  
onde despedidos não há sinal da casa  
nem de paredes vivas com o limite dos mortos

vieram do instante a tristeza e a fronteira  
pelos canais interrompidos pela lama e pela pose  
onde os filhos se escondem e as mães se inclinam  
pelos écrans dentro que excedem a cifra de york  
- vieram pelo rumo dos postigos sobre a esfinge da clareira  
do grande terraço das palavras dos campos  
ilustrando agora as figuras caídas  
entre o alcatrão e o riso  
que as cinzas devoraram pela bondade das chamas

## AS VEIAS DO ESPAÇO

digo o voo das aves  
essas veias levíssimas do espaço  
as suas sílabas subitamente sentadas  
em cadeiras voláteis  
digo essas delicadas naves  
que navegam por metáforas matemáticas

as suas figuras de números tranquilos  
os seus modos de penetrar o espaço  
as suas danças de átomos  
os seus múltiplos resíduos  
em silenciosos halos de naufrágios

digo as suas galáxias de luz e números

## CINESCÓPIO NOCTURNO

deve ser meia noite sobre a epopeia das casas  
deve ser meia noite sobre a cortina dos muros  
ou ainda teremos um teclado de dúvidas  
no vagido dos números  
diremos então o sucessivo formato das Horas  
o seu forro de lume atravessado por chuvas  
e movem-se sobre estas cidades estas figuras  
estas gruas de silêncio estas casas nocturnas  
movem-se sobre estas cidades uma oculta música  
uma ópera de ordens uma ópera de números  
que vamos proferindo  
para os depósitos celestes das nuvens

proferimos talvez para sempre  
nesta Sala de Interlúdios  
a sua aurora de lume a sua persiana de chuvas  
numa carta guiada por espelhos inúmeros  
responderemos então sobre estes êmbolos da chuva  
sobre estes átomos de cuspo  
numerados celestemente sobre esta Sala do Cosmos  
uma água de dúvidas ou um sopro excessivo  
ou diremos mais tarde  
na cinematografia dos segundos  
o seu cinescópio clandestino

## NA EQUAÇÃO DO COSMOS

estavam todos sentados no tabuleiro dos campos  
estavam todos sentados sobre as tílias do sangue  
estes novos mil apóstolos à mesa do atlântico  
estavam todos sentados sim falando sobre o destino  
das magnólias dos campos no leque dos países  
e olhavam inocentemente à mesa do ocidente  
a perícia dos microfones no tempo de ísis  
emprestando a mão esquerda ao centro e a direita  
ao infinito

estavam todos sentados sim no tabuleiro dos campos  
estes novos mil apóstolos tecnocratas do ruído  
descuidando para sempre o feedback do meu destino  
da minha única coordenada celeste na equação do cosmos

e já pressentimos as palavras avariadas das esfinges  
ao telemóvel celeste da noite niilista do sangue  
já pressentimos estes novos mil apóstolos fumando  
a última pedra de haxe do meu destino  
sem feedback na equação do cosmos





## PARA NEPTUNO

traçamos hoje quadrados de nada  
um cortejo de alfabetos uma queda  
um grito de Kafka para os átomos  
um poema de Kräft no espaço  
um futuro sob a forma de impulsos  
um território musicado ao máximo

## O FUTURO DOS LÍRIOS

recordo o destino dos homens  
a poderosa prisão onde se encerram  
cantando a canção dum lírio gelado  
numa pirâmide cega

recordo as suas chagas as suas plataformas  
as suas chuvas de formas  
no centro do sol  
recordo em mapas ardilosos  
as feridas das mãos  
a poderosa liberdade das aves

recordo ainda as manhãs ceifadas  
pelo granizo dos relógios  
em jardins secretos      por rosas indecifráveis

recordo *mozart*    as afogadas cidades  
iluminadas por candelabros  
a chuva atômica finíssima  
que cai sobre os telhados

recordo outubro    em dezembro  
as suas águas  
as suas árvores de silêncio exaltadas  
as suas rosas despidas  
no centro do frio

recordo as suas espadas em múltiplos suplícios  
que singram em um navio  
nas salas de *jorge peixinho*

recordo as comportas  
com suas flores de zinco  
na primavera da matéria

as suas naves de neve as lágrimas  
os violoncelos dos limos

no arado atómico da terra

recordo  
recordo sobretudo o futuro dos lírios

## ESCREVEMOS O ESPAÇO

escrevemos o espaço  
por vezes o breve e desolado espaço  
dos manequins empalhados  
com seus rostos mobilados de átomos  
e seus braços ornamentados de futuro

escrevemos o espaço  
através de milhares de arcadas de quarks  
com suas salas deambulando pelos astros  
em múltiplas escalas iluminadas

escrevemos o espaço pela teoria das metáforas  
extra- planetariamente  
num grande terraço de Imagens pelo ADN

pela Cabala

## NAVE DE CHUVAS

navego este navio celeste este pacote de lágrimas  
pela amurada dos campos pelas asas das águas  
navego por esta estrada terrestre de tecidos urbanos  
à secretária celeste do Número dos anjos  
rumo urbanamente no telégrafo das horas  
numa querela de morses num disfarce de instantes  
rumo por esta harpa sonora por esta avenida de *quanta*

e toda esta caligrafia rápida de naves hipersónicas  
é na ardósia das dúvidas um vídeo celeste  
uma água sinfónica

rumo urbanamente pelo harmónio das horas  
junto a estes actores celestes em minúsculas figuras atómicas.  
rumo pela sua arquitectura pela sua nave antiga de  
Aleph e Shin

## POR ALGUNS ÍNTIMOS CAMINHOS

uma outra noite se levantará na noite  
e por alguns íntimos caminhos  
chegaremos à divindade dos cisnes

por um ínfimo caminho  
chegaremos às suas asas de violinos  
um território levíssimo  
de hífans e de arminho

chegaremos um dia  
pelos cisnes

à modalidade da Flauta e dos Sinos

## LABORATÓRIO DO VENTO

só de noite o vento sopra só de noite  
seja qual for a cidade qual estátua  
a estrutura desta toca  
só de noite sopra o vento pelas máquinas.  
estou diante delas diante delas  
destas tocas que me esperam  
das suas vitrinas celestes das suas águas

e não pergunto através de que palavras  
o vento sopra. por onde forma estátuas  
estou dentro delas estou dentro delas  
fazendo ocultos percursos atómicos  
tomando a direcção das pedras  
aproximando ritmos expulsando eléctrodos  
estabelecendo contactos por invisíveis impulsos cósmicos

só de noite o vento sopra só de noite.  
só de noite o legado das vozes  
o traço dos seus barcos as suas rotas  
que anunciam a minha direcção  
às placas luminosas às derrotas  
contrária aos fósforos da matéria  
às suas notas às suas notas

só de noite o vento sopra só de noite  
consigo ver as migalhas luminosas destas tocas atómicas  
transportando nos seus ínfimos dentes hipopótamos  
em belíssimos poemas estridentes



## NUMA PLACA DE QUARKS

o vento é a verdade principal dos filmes  
e bem sei dos telegramas dos rios  
onde dormitam turbinas de energia  
para melhorar os cabelos dos átomos

bem sei que nos ocultámos dos barcos  
por um truque antigo de disfarces  
onde deixámos recados nos astros

de resto  
ignorados pelos êmbolos do espaço  
numa placa de quarks  
escreveremos para sempre em figuras de estilo  
as suas minúsculas naves

## LABORATÓRIO DO NADA

escrevo a poesia dos versos a sua cinza  
a viagem das folhas numeradas no calendário das Horas  
escrevo aqui em inúmeras caixas a velha história das águas  
que se deixaram matar pelos barcos  
no remar vazio das lágrimas

escrevo aqui o ruído dos plásticos  
os alicates dos astros

para a capa dos livros que viajam

então pergunto-me  
pela tempestade dos dicionários vazios  
que foram enviados para o Nada

abro então as torneiras do espaço  
os seus diques as suas pinças luminosas  
para proferir ao nível dos calendários  
o amor subtil  
e multicolor dos pássaros.

## TEOREMA DE GÖDEL PARA O AMOR

é um inconveniente amar  
isto ou aquilo um objecto em movimento particular  
a orgia enfática dos seus êmbolos  
o adeus clássico dos cláxones nos parques  
o ruído atómico das buzinas coladas aos barcos  
as coisas excessivas e principais da idade.

é um inconveniente amar e por isso digo  
o meu carro é uma realidade  
uma cela onde posso estar  
pra frente pra trás pra cima pra baixo  
um livro de calças justinhas ao Universo  
podendo ter as pernas pro ar ou ainda  
a capa miudinha da alexandra kräft  
escrita com carinhosos garfos na língua.

é um inconveniente amar.  
é sobretudo um inconveniente deixar  
algumas páginas de parte.  
os meus versos foram escritos  
com frascos de néon verde  
incendiados pelas vitrinas do mar  
com esplanadas de algas nas gengivas  
e astros ao fundo nas praias.

é sobretudo um grande inconveniente  
juntar o mar ao mar  
com mesas cobertas de água  
junto às grades dos Nomes,  
com suas asas de bicicletas em movimento  
com suas memórias de caldeiras acesas

com suas sobancelhas de relvas pretas  
vigiadas por amplos destinos desertos  
como ecos despedaçados em violetas.

mas  
havemos de conversar  
sobre as sombras das cidades  
ao nível dos olhos apagados  
onde os objectos são cegos  
beijando-se em grãos translúcidos  
de muros matemáticos,  
cujas folhas avançaram para a piscina dos números.

é um enorme inconveniente amar  
corresponder ao seu nível enfático  
reconhecer as suas patas grávidas  
mexer nos seus chapéus altos de espuma  
ouvir os seus nomes de consolações agrárias  
amontoar todos os objectos num perímetro vulgar  
ou combater os mesmos objectos  
com ilhas de Gödel vidros pálpebras

é absolutamente inconveniente amar  
ao convés dos ascensores  
contemplar o rés-do-chão das mesas  
os beijos dados pelas flores,  
os abraços dos musgos metálicos  
feitos de arame farpado nas cores  
ou ainda olhar o cuspo aéreo e volátil  
que se desprende dos corpos  
misturados em recintos incolores.

é absolutamente inconveniente amar  
dar largos passeios nas avenidas de jogo

ou corresponder ao seu salto mortal nas casas,  
poisar a geleia nos vidros as nódoas do passado  
em grandes baldes pequenos de válvulas de vim de cif  
de microchips etc etc até ao infinito  
ou deixar a sucata das pastilhas elásticas  
no teorema de Gödel input output  
ao volante dos dinossauros das máquinas  
quando resolvermos então mudar o Universo para outro lado

ou dar um beijo no rosto dos átomos  
ou ainda descrever estes pequeníssimos insectos da verdade  
os quarks os quarks os quarks  
em papel meticuloso de intervalos  
escrevendo todas as palavras verdadeiras e falsas ao mesmo tempo na Realidade

é absolutamente inconveniente amar.  
ou será isto o que esquecemos  
para sempre  
na linguagem matemática dos sinos?

## POR ENTRE A CERTIDÃO DO AR

estes dias um dia avanço  
vou-me vestir de quarks e já regresso  
ouvir o som da história o seu disfarce  
o crédito dos pássaros o fácil verso

estes dias um dia avanço  
no reverso e no verso da herança  
no rascunho no papel dos átomos  
na nuvem cósmica do espaço  
na mão que dança

recebo então de volta o som que sopra  
o Sim do mar o som que avança  
por entre a certidão do ar  
a flecha dos relâmpagos  
a nuvem cármica  
o som que sopra na distância

eis então que digo porque digo  
sou do espaço humilde pérola  
o destino dos relâmpagos  
o sonho das flechas o som que

avança do Início

## O INSTANTE

cravo nestas casas o Instante os seus ecos  
os seus átomos agrestes de vozes suburbanas  
cravo nestas casas de paredes reflexas  
as imagens de néon na máscara dos campos  
e ascendem para os astros estas horas celestes  
onde habitam os pássaros  
numerados por desertos

cravo nestas casas os ecos dos seus versos  
as suas paredes de celofane  
cobertas a pássaros e panos  
cravo nestas casas a música dos barcos  
de remos apontados para a cordilheira dos ramos

cravo nestas casas o Instante  
teletransportado para o espaço:  
translúcido abandono em átomos hierofantes  
cravo nestas casas o Instante  
a sua eternidade que se abre  
como um leque deslumbrante  
trémulo na noite

uma estrela incessante

## CÁLCULO INFINITESIMAL DAS HORAS

estas estas algumas horas  
derramadas no tabuleiro do Espaço  
para a teogonia  
das  
nebulosas.  
para um infinito quântico  
para a matéria futura do Canto  
com suas partículas subatômicas

depois da Grande Explosão  
depois do Big Bang da Criação  
o Tempo é a alavanca da matéria no espaço  
moléculas estrelas galáxias uma corporeidade universal  
os telemóveis têm uma importância cósmica  
o universo é número e harmonia na mística dos átomos  
pitágoras afirma que o universo canta  
mas o universo ainda não explodiu ao máximo  
este poema não está separado da Unidade  
deus é feito materialmente de estrelas mortas e novos sóis  
os electrões geram interacções psíquicas  
a terra girou muitos biliões de anos até adquirir consciência  
realidade eterna que eternamente se revela  
a matéria é uma fotografia da consciência cósmica  
a matéria telefona-se a distâncias astronómicas



## O TALENTO

o talento é obra dos tempos  
diria o talento consubstancia  
a matéria do mundo  
o talento é a máscara dos deuses  
por isso escrevo e penso  
em martelos levíssimos d'incêndios

digo então para sempre

que tudo permaneça imóvel  
nas máscaras do Sim  
que tudo seja transformado  
infinitamente em manequim

2025 2025 A CAMINHO DE MARTE

2025: a chuva ruiu sobre a paciência dos quarks  
sobre estes navios modernos de átomos  
entre assobios de Marte e metades de pássaros  
iluminados  
por deuses de asas telegráficas.

2025: observatório modelado por Imagens  
onde foram guardadas as palavras  
em grandes contentores numerológicos  
a velocidades voláteis.

e chovem princesas d' astros sobre as casas  
sobre a eternidades dos átomos  
chovem sobre os objectos planícies desertas  
ameaçadas por estas coisas sonoras do espaço.  
e estes levíssimos símbolos de terminais matemáticos  
sobrevoadam estas pequenas gavetas as casas da Terra  
ferradas a ouro e a chagas atómicas

e não poderemos mais dormir no espaço  
sobre estes retratos perdidos de palavras sonoras  
nem átomos nem dúvidas nem quarks  
não poderemos mais reformular a Terra  
anteriores que somos à matéria das águas  
anteriores que somos à eternidade transformada  
do Caos em Nada.

2025 2025

2025 a caminho de Marte!

## ALFA E ÓMEGA

era quântica do universo ou do princípio  
de heisenberg ou princípio da incerteza  
de tudo quanto existe e ainda existirá  
antes da luz das galáxias mais distantes  
vaga radiação como um bater de asas  
de quando o universo era louca agitação  
antes do céu e terra tomarem forma  
um enorme ovo cósmico dentro do qual  
era o caos como no oratório de mozart  
e terra e céu estavam unidos  
por uma alegria que não pesava nada  
unidos pelo vazio para o cântico nupcial

a matéria era completamente desintegrada

e eu estava sentada no espaço invisível  
não havia nada não existia o Nada  
como alexandra Kräft estava velada intemporalmente  
e a realização eterna não tinha coordenadas  
nem tempo nem espaço  
tudo era escuro no cosmos uma noite profunda  
antes da grande explosão  
e os electrões não deixavam passar esta luz  
e a luz era então a memória imprecisa da vida  
e todas as coisas existiam em profunda Unidade

então numa caminhada vazia electrões e protões  
uniram-se como num drama cósmico  
pela via do verbo *materia prima philosophorum*  
e o espaço opaco abriu-se em transparência  
e luz e a luz apoderou-se dos interstícios

um límpido Som celebrou esta união cósmica  
e todo o verbo saiu desta explosão  
foi o primeiro êxtase da Criação as primeiras estrelas  
começaram a brilhar nas galáxias  
depois do mundo ser invisível  
depois de prótons e elétrons dançarem e formarem  
núcleos  
como eternos amantes tornados visíveis  
e o universo a uma temperatura de bilhões de bilhões  
de bilhões de milhões de graus a milionésimas de milionésimas de  
microns de segundo depois do  
princípio

depois de não ter havido galáxias nem estrelas  
senão matéria e radiação  
num sopro termonuclear mergulhado na volúpia dos  
átomos  
num mágico círculo de fogo e de ritmo  
no jogo das sete potências num jogo do Todo vivo  
na Perfeição

era a imensidade celeste

as sementes dos átomos estavam espalhadas  
e todo o Universo permanecia e permanece em  
expansão  
e se a expansão aumentar aumentará a distância entre  
elas  
e ao fim de toda a evolução as estrelas parecerão anãs  
e os planetas terão cada vez mais espaço tudo é  
processo  
e o universo inteiro tenderá para um único acorde 4

universal

um superorganismo Total

ficará então na memória do big bang a recapitulação  
de todos os seres de todos os astros de todos os  
cálculos

para o aperfeiçoamento do Universo

e de novo recolherás à concentração

isto é à expansão ao invés e eu como alexandra Kräft

recolherei aos poemas científicos de heisenberg

ao princípio universal do alfa e do ómega

decompondo-me em partículas e núcleos atômicos

em total comunhão cósmica em total desintegração

eu como alexandra Kräft ficarei

de novo no depósito do Ser Impessoal

## A MORADA DOS SÁBIOS

escondidos para sempre na eternidade dos átomos

um dia regressaremos

regressaremos transparentes e livres

regressaremos

actuais

e

sábios

## ÍNDICE

- A captura dos astros
- Numerologia
- A solidariedade do Universo
- Os ecos dos remos
- Geografia celeste
- Átrio estelar
- A herança
- Ode sonora
- Teatro anatómico
- O actor
- Futuras aéreas árvores
- À entrada das horas
- Um camarote de Sol
- A conversão do lixo
- No álbum das máquinas
- O rosto das dúvidas
- Navegação
- Pela bondade das chamas
- As veias do espaço
- Cinescópio nocturno
- Na equação do Cosmos
- A dispensa das lágrimas
- Para Neptuno
- O futuro dos lírios
- Escrevemos o espaço
- Nave de chuvas
- Por alguns íntimos caminhos
- Laboratório do vento
- Numa placa de quarks
- Laboratório do Nada
- Teorema de Gödel para o amor
- Por entre a certidão do ar
- O Instante
- Cálculo infinitesimal das horas
- O talento
- 2025 2025 a caminho de Marte
- Alfa e ómega
- A morada dos sábios

Alexandra Kräft [Heterónimo de Maria Azenha]

1ª. Edição: Outubro de 1998

ISBN: 972-8310-89-7

Lisboa – Portugal

Depósito Legal: 127539/98

2ª. Edição (*revista*): Novembro de 2020

\*

*Obra distinguida com o Prémio Eça de Queiroz, Menção Honrosa (1990)*

**Sobre:** [https://pt.wikipedia.org/wiki/Maria\\_Azenha](https://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_Azenha)





